

ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO
PSICOSSOCIAL

Cleidiane Alves Oliveira Souza

**Abandono de Tratamento? Desafios e Estratégias no cuidado das Mulheres em um Centro de Atenção
Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD)**

Belo Horizonte
2025

CLEIDIANE ALVES OLIVEIRA SOUZA

**Abandono de Tratamento? Desafios e Estratégias no cuidado das Mulheres em um Centro de Atenção
Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD)**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Escola de Saúde Pública do
Estado de Minas Gerais, como requisito
parcial para obtenção do Título de
Especialista em Saúde Mental e Atenção
Psicossocial.

Orientadora: Paula Lúcia de Moura Pinto

Belo Horizonte
Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais
2025

Cleidiane Alves Oliveira Souza

S586a

Souza, Cleidiane Alves Oliveira.

Abandono de Tratamento? Desafios e estratégias no cuidado das Mulheres em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD). / Cleidiane Alves Oliveira Souza. - Belo Horizonte: ESP-MG, 2025.

16 f.

Orientador(a): Paula Lúcia de Moura Pinto.

Artigo Científico (Especialização) em Políticas de Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

Inclui bibliografia.

1. CAPS AD. 2. Abandono de Tratamento. 3. Mulheres. 4. Redução de Danos. I. Pinto, Paula Lúcia de Moura. II. Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais. III. Título.

NLM WM 30

**Abandono de Tratamento? Desafios e Estratégias no cuidado das Mulheres em um Centro de Atenção
Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD)**

Trabalho de Conclusão de Curso
Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais
Banca Examinadora:

Profa. Paula Lúcia de Moura Pinto
Especialista em Saúde Mental pela Residência Multiprofissional em Saúde pela UFOP/ Hospital Odilon
Behrens
(Orientadora)

Profa. Valéria Costa Pacheco
Especialista em Saúde Integral dos Usuários de Álcool e Outras Drogas no SUS pela Escola de Saúde
Pública de Minas Gerais (ESP-MG)
(Avaliadora)

Profa. Dra. Ana Regina Machado
Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto René Rachou - Fundação Oswaldo Cruz (IRR - FIOCRUZ)
(Avaliadora)

Belo Horizonte, 15 de maio de 2025

Dedico este trabalho aos meus amores, esposo Alexsandro e filhos Halejandro e Hevelle Clara pela compreensão, esforço, ajuda e apoio em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS primeiramente por me capacitar para a confecção deste trabalho.

A professora Paula Lúcia por toda paciência, empatia, carinho e por me orientar como fazê-lo.

As professoras e coordenadoras Ana Regina e Alessandra, por toda orientação, carinho, compreensão e empatia.

À minha família por compreender e me proporcionar o melhor a cada dia, além de todo amor.

Aos amigos por estarem sempre comigo, por serem minha rede de apoio.

Às novas amigas presentes da especialização, gratidão por todo cuidado e carinho.

RESUMO

Este artigo busca identificar quais as causas do abandono de tratamento por mulheres no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas – CAPS AD. Refletir sobre a complexidade que envolve as diversas causas e consequências no tratamento de mulheres usuárias de álcool e outras drogas é de extrema relevância para compreensão dessa problemática. Destaca-se que essas mulheres enfrentam obstáculos específicos relacionados a fatores sociais, econômicos, raciais, psicológicos e de gênero, que podem levar muitas delas a interromperem ou desistirem do cuidado em liberdade no serviço de saúde mental. Esse abandono do tratamento tem consequências para a saúde individual e coletiva, em que se verifica a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso ao tratamento e a permanência das mulheres nesse processo. É necessário compreender os fatores que contribuem para o abandono e implementar estratégias eficazes, podendo assim obter uma melhor qualidade de vida das mulheres, reduzindo o impacto do uso problemático de drogas por meio de políticas de redução de danos e da atenção integral, norteadas pela oferta dos CAPS AD, mantendo o compromisso do qual o serviço dispõe e levando em consideração a singularidade de cada usuária. A metodologia utilizada foi ensaio.

Palavras chave: CAPS AD. Abandono de tratamento. Mulheres. Redução de danos.

ABSTRACT

This study aims to identify the factors contributing to the abandonment of treatment by women at the Psychosocial Care Center for Alcohol and Other Drugs (CAPS AD). Reflecting on the complexity involved in the various causes and consequences of treating women who use alcohol and other drugs is extremely important for understanding this problem. These women encounter specific barriers related to social, economic, racial, psychological, and gender factors, often leading to the interruption or discontinuation of care within the mental health services framework. Treatment abandonment generates repercussions for both individual and collective health, reinforcing the need for public policies that guarantee access to treatment and promote the retention of women throughout the therapeutic process. Understanding the factors associated with treatment discontinuation and implementing effective strategies are crucial to improving women's quality of life and mitigating the impact of problematic drug use. These efforts should align with harm reduction policies and comprehensive care models, guided by the services provided by CAPS AD, and should respect the individuality of each user. The methodology adopted for this study was na rehearsal.

Key words: CAPS AD. Treatment abandonment. Women. Harm reduction.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. METODOLOGIA	10
3. DESENVOLVIMENTO	10
3.1 Por quê as mulheres que se drogam abandonam tratamento	10
3.2 A busca pelo tratamento em CAPS AD	11
3.3 O abandono do tratamento no CAPS AD	13
3.4 Orientadores para o cuidado com mulheres que se drogam	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
5. REFERÊNCIAS	16

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar as causas de abandono de tratamento das mulheres no acompanhamento de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas, que é diferente da lógica manicomial. Isto é, um espaço aberto que assiste à população em sofrimento diante do uso problemático de substâncias psicoativas.

Instituídos pela Portaria do Ministério da Saúde Nº 336, de 19 de fevereiro de 2002, os Centros de Atenção Psicossocial caracterizam-se como protagonistas do cuidado – contínuo, de base territorial, intersetorial e promotor de vínculos – e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

O Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas – CAPS AD é um serviço de saúde mental que oferece atendimento especializado para pessoas que enfrentam problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas. É um espaço de acolhimento, tratamento e reinserção social, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dessas pessoas e de seus familiares. O CAPS AD, oferece cuidado integral e humanizado às pessoas com transtornos mentais decorrentes do uso de álcool e outras drogas. O atendimento é realizado por equipe multidisciplinar, composta por profissionais de diversas áreas, como psiquiatria, psicologia, serviço social, enfermagem, terapia ocupacional, educador físico, etc., estes trabalham em conjunto para ofertar um tratamento integral e pensando nas subjetividades dos acolhidos.

Nessa esteira destaca-se que os CAPS também devem ser ambientes acolhedores e seguros, em que as pessoas podem receber apoio emocional e orientação para lidar com as dificuldades do tratamento, o serviço conta com terapias individuais e em grupo, medicamentos, atividades ocupacionais e acompanhamento familiar. Também busca auxiliar o indivíduo a retomar suas atividades cotidianas, como trabalho, estudo e relações sociais (Brasil, 2002).

Conforme o autor Marinho (2010), as pessoas que fizessem uso de álcool e/ou outras drogas, eram e são vistos socialmente como criminosos e/ou doentes. Nesse contexto, surgiram algumas propostas de tratamento, como os hospitais psiquiátricos, centros específicos para esta problemática, muitas vezes com viés religioso, com metas de salvar, recuperar e punir. Em torno da década de 1940, em um hospital psiquiátrico, houve a criação do “Pavilhão de Alcoolistas”, sendo uma das primeiras ações destinadas ao tratamento de pessoas que faziam uso abusivo de álcool, sem a internação conjunta aos pacientes com transtornos mentais. Muitas atrocidades foram e ainda são cometidas com as pessoas em uso prejudicial de substâncias psicoativas, que ainda hoje são vistas como escórias da sociedade, sendo sua grande maioria pessoas negras, em situação de grande vulnerabilidade social, com inúmeras violências e violações de direitos cometidas (Marinho, 2010).

De acordo com Santos et. al. (2018), mulheres usuárias de drogas, têm suas histórias de vida marcadas pela violência. O regime de domínio da masculinidade no que se refere ao corpo, à sexualidade e ao trabalho

das mulheres, faz com que estas enfrentem desafios específicos de submissão, que extrapolam os desafios comuns ao tratamento de dependência. As mulheres estão em maior número expostas e vivenciam situações de vulnerabilidade social, como violência doméstica, pobreza e discriminação, o que pode dificultar o acesso e a permanência no tratamento. As questões de gênero, como a busca por automedicação para lidar com traumas e o estresse relacionados a papéis sociais, também reforça o papel social da mulher e os motivos dos processos de adoecimento. Importante salientar ainda, que também são mães e cuidadoras, o que exige uma atenção especial às suas necessidades e aos seus dependentes, assim, sofrendo o dobro do estigma em comparação aos homens, o que pode dificultar a busca por ajuda e a adesão ao tratamento (Santos, 2018).

Assim, a reflexão acerca dos motivos que levam as mulheres a abandonar o tratamento e renunciar o cuidado com o corpo e a saúde mental, torna-se fundamental como meio para o fortalecimento do cuidado em rede e a ampliação da discussão com foco no gênero.

2. METODOLOGIA

Compreende-se que, o abandono do tratamento pode aprofundar o isolamento social e reduzir as oportunidades de reintegração na sociedade.

Partindo da vivência e de hipóteses empíricas de uma profissional de psicologia dentro do Centro de atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas.

Buscamos na literatura referenciais teóricos que versam acerca da violência contra a mulher enquanto questão sociocultural complexa, de grande magnitude e impactos sociais e que, no campo álcool e outras drogas, torna-se algo de difícil determinação, visto que contextos violentos não são resultantes apenas das condutas individuais, mas possuem articulação com a estrutura social de desigualdades e injustiça capazes de afetar para além das mulheres, que têm seus direitos sociais negligenciados pelo Estado. Além do mais, percebe-se que as políticas proibicionistas criminalizam o uso de drogas, estigmatizando, legitimando e naturalizando práticas de violência contra as pessoas que se drogam.

Por fim, vamos propor alguns orientadores para o cuidado em mulheres no CAPS AD, a partir de então, sugerir possíveis alternativas capazes de contribuir para a redução do abandono ao tratamento.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Por quê às mulheres que se drogam abandonam tratamento?

O tema em questão foi escolhido por ser um assunto de bastante relevância no que diz respeito ao acompanhamento de mulheres usuárias do serviço de saúde mental e os atravessamentos que impedem a continuidade e permanência neste serviço. De acordo com os autores Muniz e Zimmermann (2018, p. 126):

A violência empregada contra a mulher, especialmente no contexto das mulheres negras, ultrapassa a questão de gênero, e transcende, sobrepondo a ela, outras formas de opressão [...] a violência institucional que oportuniza a essas mulheres um embate ainda maior ao experimentar o sabor de uma opressão desmedida por partes dos órgãos de apoio e atendimento às mulheres em situação de vulnerabilidade [...].

As mulheres cotidianamente são marginalizadas muitas vezes pela própria sociedade (Santos, et. al., 2018). Muitos fatores se apresentam na vida das mulheres que se drogam e buscam algum cuidado, como: dificuldades logísticas com a falta de tempo devido a responsabilidades familiares ou questões financeiras; o estigma e vergonha, relacionado ao uso de substâncias e transtornos mentais pode ser mais acentuado para as mulheres, levando ao afastamento deste tratamento; a violência doméstica ou sexual, muitas mulheres enfrentam situações de abuso ou violência em casa, o que pode agravar o uso de substâncias e dificultar a adesão ao tratamento. As mulheres enfrentam obstáculos específicos em relação à: responsabilidades familiares, pois muitas são as principais cuidadoras de filhos e/ou familiares, o que pode dificultar sua frequência ao CAPS AD; vivenciam pressões sociais e culturais, dentro do papel tradicional da mulher na sociedade, com as expectativas sociais sobre seu comportamento e a pressão para ser uma boa mãe ou esposa podem interferir na adesão ao tratamento. De acordo com Santos et. al. (2018), muitas vivenciam violência doméstica e de gênero, com abuso físico e psicológico no contexto doméstico pode ser um fator significativo para o abandono, já que muitas mulheres não se sentem seguras ou apoiadas ao buscar tratamento.

Para Alves (1994), somos afetados pelas experiências que vivenciamos a partir do nosso convívio social, sendo as palavras que ouvimos um agente transformador. Ainda segundo o autor, as palavras exercem grande poder na determinação do que somos, o que demonstra a influência negativa que as palavras depreciativas podem exercer sobre o indivíduo. Por meio desta afirmativa, é possível refletir então, o quanto as mulheres se isolam e permanecem à margem da sociedade, pois, as experiências negativas vivenciadas e ouvidas como forma de reforço ao que não são ou podem ser, as impedem de continuar lutando por si mesmas. Nesse sentido, o uso da droga prevalece, na maioria das vezes, como o maior de seus problemas, impedindo a conexão das experiências vividas anteriormente com o seu comportamento atual. Lamentam não se dar conta e se entregam por completo diante de tantas misérias, grande parte dessas mulheres são pessoas que já perderam vínculos sociais e afetivos e que tiveram vidas ceifadas pelo desprezo, negligência, abandono e violências. O resultado de tantas rupturas, limita ainda mais sua participação social e crença no acolhimento e cuidado de suas demandas. As marcas profundas da cultura do machismo, do racismo e da pobreza extrema, as levam a crer que resta então aprenderem a sobreviverem com pouco ou quase nada.

3.2 A busca por tratamento em CAPS AD

O CAPS AD deve atender a todas as pessoas com acolhida, respeito, empatia e cuidado humanizado. Mas urge que profissionais passem a refletir sobre temáticas como gênero e demais interseccionalidades, com

a participação ativa das mulheres, para que, a partir de então, possa fundamentar estratégias e ações em saúde, com destaque para a saúde mental, convocando que a Reforma Psiquiátrica Antimanicomial também a seja feminista.

As mulheres usuárias de álcool e outras drogas, que chegam ao CAPS AD no município de Itaobim - MG, são em sua grande maioria, negras e com faixa etária entre 20 a 55 anos. As inserções no serviço se dão por meio de demanda espontânea ou encaminhamentos de outros serviços, principalmente, pelo hospital geral, uma vez que é recorrente as entradas de mulheres usuárias, por meio dos serviços inclusive de emergência – SAMU. Com demandas frequentes relacionadas ao uso de álcool e outras drogas, com crises e convulsões, surtos psicóticos, desmaios, tentativas de autoextermínio. Também os familiares, buscam o serviço com o desejo que estas sejam internadas para o que denominam como *cura do vício*, ou encaminhadas para comunidades terapêuticas (CT), trazendo à tona a prisão do sujeito em um modelo manicomial, também em menor número algumas mulheres buscam o serviço por demanda espontânea.

A rede de atendimento socioassistencial como CRAS – Centro de Referência de Assistência Social, CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social, CT - Conselho Tutelar, fazem encaminhamentos para o serviço para mulheres que estão em vulnerabilidade social e situações de negligência ou abandono com os filhos.

No primeiro contato no CAPS AD, é realizada a acolhida, onde busca-se ouvir a história das mulheres e acolher suas subjetividades, apresentar o serviço, dialogar sobre quais são os desafios enfrentados e verificar possibilidades para amenizar tal sofrimento e explorar as ofertas sugeridas pelo serviço, através da redução de danos, de acordo com Brasil (2003), um acolhimento orientado pela redução de danos se propõe a:

O enfrentamento da RD não é só com o discurso da lei, mas também com as práticas não-discursivas das instituições disciplinares. Em última instância, pode-se dizer que a RD coloca em questão as relações de força mobilizadas sócio historicamente para a criminalização e a patologização do usuário de drogas, já que coloca em cena uma diversidade de possibilidades de uso de drogas sem que os usuários de drogas sejam identificados aos estereótipos de criminoso e doente: pessoas que usam drogas e não precisam de tratamento, pessoas que não querem parar de usar drogas e não querem ser tratadas, pessoas que querem diminuir o uso sem necessariamente parar de usar drogas. (PASSOS e SOUZA, 2011, p. 157).

Geralmente mulheres que são acolhidas apresentam com quadro de desnutrição, frágeis, debilitadas, envergonhadas, além de sintomas como quadros depressivos e ansiosos, baixa autoestima, sentimentos de inutilidade e incapacidade, além de dificuldade para lidar com as emoções negativas. O uso de drogas entra então nesse lugar de suprir aquilo que não é elaborado subjetivamente, são mulheres em que o abandono, estigmas e as limitações na participação social as invisibilizam, retirando-as de suas próprias histórias. (Pinto, 2023).

As mulheres que procuram por tratamento no CAPS-AD enfrentam barreiras socioculturais e econômicas e falta de apoio social e familiar capazes de contribuir para a descontinuidade do tratamento. Além disso, o estigma e a vergonha relacionados ao uso de substâncias e ao tratamento psiquiátrico são maiores

entre as mulheres. Assim se tornando um problema complexo e multifatorial que se caracteriza pela interrupção precoce e não planejada do processo de tratamento para o uso de álcool e outras drogas. (Pinto, 2023).

A busca para tratamento no CAPS AD, é associada aos sofrimentos e adoecimentos gerados através da busca por regular o consumo prejudicial de álcool e outras drogas. Entre comprometimentos orgânicos e psíquicos, a demanda pela interrupção do consumo das substâncias psicoativas, diz da *abstinência perfeita, ou seja, imputa-se às pessoas que se drogam um tratamento embasado no moralismo e na concepção de que usuários de drogas são criminosos ou doentes* (Passos; Souza, 2011, pág. 157). Levando estas a culpa e vergonha, além da frustração e desespero por não conseguir alcançar sua meta, com isto a ansiedade e medo pela falta de controle do uso da substância, gera sofrimento e consequências negativas. Nesse sentido, conforme os autores:

A produção histórica do estigma do usuário de drogas como uma figura perigosa ou doente nos permite compreender parte dos problemas que a RD passa a enfrentar quando essa se torna um método de cuidado em saúde que acolhe as pessoas que usam drogas como cidadãos de direitos e sujeitos políticos. (Passos; Souza, 2011, p. 157).

As mulheres chegam ao serviço muitas vezes recorrendo auxílio para demandas clínicas, hipertensão, diabetes, convulsões, pois devido a intoxicação e uso prejudicial das substâncias psicoativas, se encontram em quadros clínicos por vezes graves. Algumas relatam que o CAPS AD é o único lugar onde recebem cuidados, respeito e carinho, outras citam como o estímulo para continuar a viver, porém em determinados períodos se afastam, sendo necessário uma busca ativa com maior cuidado, o que exige um trabalho voltado para questões de valorização da pessoa.

3.3 O abandono do tratamento no CAPS AD

No decorrer do acompanhamento nota-se que estas mulheres enfrentam dificuldades para permanecer no serviço, por diversos motivos, a primeira por questão de gênero, por ser mulher e a necessidade de suas responsabilidades com a família, cuidados com os filhos e ou pais idosos; a renda na maioria é advinda do programa bolsa família, o que não é suficiente para as suas despesas; não têm apoio familiar ou do pai dos seus filhos; sofrem diversas violências; em conflito com a justiça; problemas de saúde física; filhos na instituição infanto juvenil; falta de motivação; adoecimento psíquico; entre outras. (Pinto, 2023).

Nomearemos aqui a descontinuidade do tratamento como “abandono”, termo muito utilizado pelos trabalhadores dos CAPS AD, quando o acompanhamento é descontinuado. Porém, é importante salientar, que, por vezes, tal termo não acolhe os atravessamentos que levam as mulheres a deixarem o acompanhamento, ou mesmo, serem retiradas desses espaços, por estigmas quanto ao lugar que historicamente as mulheres ocupam

na sociedade e que as leva a vivenciarem violências institucionais e outras tantas violações dentro e fora dos espaços de tratamento (Muniz; Zimmermann, 2018).

De acordo com Pinheiro e Nunes (2023), prejuízos relacionados ao que se espera do papel social da mulher, tais como a dificuldade ou resistência em realizar duplas jornadas de trabalho, impossibilidade de maternar, a vida nas ruas que, contrapõe o ideal de exercer o papel de esposa e dona de casa, aumenta as chances desse abandono. Diante do exposto, é possível perceber que estas acessam os serviços após vivências de solidão, dor, sofrimento, vergonha, discriminação, perdas e agravos físicos e psíquicos, prejuízos financeiros e sociais. A interrupção do tratamento pode levar ao agravamento dos problemas de saúde mental e social, e à diminuição da qualidade de vida, aumentando os custos com o tratamento de doenças relacionadas ao uso de drogas.

É possível observar, a partir do cotidiano na prática clínica, que o denominado abandono se dá, quando a mulher se depara com o abandono total, em que essa constata que perdeu tudo, deixando assim de vislumbrar perspectivas de uma vida diferente daquela que está vivenciando. Como reforça Pinto (2023), a droga por vezes parece ocupar um não lugar, a incompletude de não ter, não ser o que as leva então à renúncia pelo autocuidado, e assim abdicar também da própria existência a assim, poder criar caminhos capazes de contribuir para a permanência no tratamento e no serviço. ~~~~~

3.4 Orientadores para cuidado com mulheres que se drogam

É necessário que a equipe esteja preparada para lidar com as frustrações decorrentes de todo preconceito direcionado às pessoas que se drogam e trabalhar o sujeito de forma única, com a valorização destes, utilizando recursos como atualizações e formações profissionais, grupos focais, visitas em seu território, atividades extra muros, estímulos e incentivos no trabalho de novas inserções necessárias e que serão benéficas para aquele sujeito, levando em consideração se esta é uma demanda da pessoa.

Percebe-se que muitos avanços foram realizados desde a reforma psiquiátrica até os dias atuais, e mesmo diante de toda essa luta, ainda se faz necessário que mudanças aconteçam, no sentido de ressignificar, atualizar e obter novas abordagens, para assim conseguir alcançar o encontro, acolhimento e continuidade do cuidado de mulheres em sua maioria, munidas apenas das dores perpetradas por inúmeras violências e violações. Ampliar e qualificar a escuta profissional que vá em direção a acolher e legitimar esse lugar da fala com respeito a dor e a subjetividade, pode então ser o caminho na construção do cuidado, valorizando a grandeza que se dá diante do encontro de cada história.

É fundamental compreender que o abandono não é uma escolha individual, mas sim o resultado de um conjunto de fatores que fogem ao controle das mulheres. As mulheres que abandonam o tratamento não devem

ser lidas como *fracassadas*, ou que não desejam o cuidado de si, mas sim vítimas de um sistema que muitas vezes não consegue atender às suas necessidades específicas. Assim é necessário para redução do abandono do tratamento, ações que visem fortalecer a rede de apoio comunitário, com a criação de uma rede de apoio para as mulheres, envolvendo familiares, vizinhos, grupos de apoio, entre outros, para garantir uma abordagem mais integrada; promoção da autonomia e empoderamento, com desenvolvimento de práticas que incentivem a autonomia das mulheres em relação ao cuidado, aumentando sua participação nas decisões sobre o tratamento e o desenvolvimento de estratégias personalizadas. Além disso, oferecer uma escuta individualizada e centrada nas necessidades da mulher considerando as especificidades de cada uma e oferecer um tratamento que leve em conta suas experiências de vida dentro e fora da RAPS e da Rede socioassistencial. Envolver essas mulheres no planejamento do seu tratamento, no processo de decisão, aumentando a probabilidade de que elas se sintam mais comprometidas e engajadas também torna-se de fundamental importância. Além disso, é importante investir na ampliação de pesquisas que investiguem as causas do abandono do tratamento e desenvolvam novas estratégias para melhorar a adesão das mulheres no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas – CAPS AD.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O abandono do tratamento por mulheres nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) configura-se como uma problemática complexa, que demanda uma abordagem multidisciplinar sensível às especificidades de gênero. Compreender os fatores que contribuem para esse abandono e desenvolver estratégias eficazes para enfrentá-lo são passos fundamentais para promover a melhoria da qualidade de vida dessas mulheres e mitigar os impactos da dependência química.

É imprescindível questionar: quais são as principais diferenças entre os fatores que levam homens e mulheres a interromper o tratamento? Por que esse impacto tende a ser mais severo entre as mulheres? Seriam essas desigualdades atravessadas por questões como a violência de gênero, o racismo estrutural e outras formas de opressão? Além disso, qual tem sido o papel da família e da comunidade na prevenção do abandono do tratamento? Como as tecnologias podem ser mobilizadas para fortalecer a adesão e tornar o cuidado mais acessível e efetivo?

Refletir sobre essas questões é essencial para garantir um cuidado integral, que reconheça e acolha as singularidades das mulheres usuárias da RAPS. Considerar as múltiplas opressões que atravessam suas existências — de gênero, raça, classe, sexualidade, entre outras — é parte fundamental da construção de práticas mais equitativas.

Nesse sentido, repensar o acolhimento e a construção do cuidado com base na promoção da liberdade, da autonomia e do protagonismo das mulheres deve ser uma prioridade entre as trabalhadoras e os

trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial. A elaboração de Projetos Terapêuticos Singulares, que considerem de forma individualizada as trajetórias, demandas e contextos de cada mulher, pode contribuir significativamente para a redução das taxas de abandono e para o fortalecimento de práticas que respeitem as diferenças, sem homogeneizá-las.

5. REFERÊNCIAS

ALCOOLISMO FEMININO: SUBSÍDIOS PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL DA ENFERMAGEM. <https://www.scielo.br/j/ean/a/TBWYWqbKDLZy5hdGMWhjTYw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26/11/2024.

AMARANTE, Paulo. Novos sujeitos, novos direitos: o debate em torno da reforma psiquiátrica. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 491-94, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1995000300024&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 26/11/2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção Integral a saúde da mulher. Brasília, 1998.

_____. Política Nacional sobre Drogas. Brasília (DF); 2005.

MACHADO, Ana Regina. Caminhando contra o vento: cuidado e cidadania na atenção a usuários de drogas no SUS. / Organizado por Ana Regina Machado ... [et al.]. ISBN: Companhia de tecnologia da Informação de Minas Gerais – Prodemeq. - Belo Horizonte: ESP-MG, 2018. 405 p

MARINHO, Angélica Mota. Centro de atenção psicossocial álcool e outras drogas: re-construção de uma prática. 2010. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MINAYO. M. C. S. Rotas Críticas: Mulheres enfrentando a violência. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

Ministério da Saúde (Br). A Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas. 2ª ed. Brasília (DF): Editora MS; 2004.

Ministério da Saúde (Br). Portaria GM nº 336 de 19 de Fevereiro de 2002. Brasília (DF): Gabinete Ministerial; 2002.

PASSOS, Eduardo Henrique; SOUZA, Tânia Pasqualin de. Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de "guerra às drogas". *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 154–162, jan./abr. 2011. DOI: 10.1590/S0102-71822011000100018

PINHEIRO, C. M.; Nunes, M. Tratamento Para Mulheres Que Usam Drogas: Uma Crítica Sob A Perspectiva Do Feminismo Decolonial. *Psicologia & Sociedade*, v. 35, p. e259943, 2023.

PINTO, Paula Lúcia de Moura. Travessia De Uma Mulher Pesquisadora Do Ideal Para O Real: Um Percurso De Escuta Sobre O Direito À Cidade, Lazer E Cultura De Mulheres Usuárias De Álcool E Outras Drogas. 2023. 79f. Monografia. Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, Belo Horizonte. 2023.

SANTOS, Daianny de Paula; SILVA, Isabela Teófilo de Souza; MENEZES, Maria Luíza dos Santos; MELO, Eliane Maria Cardoso de; LIRA, Geilsa Costa de; SOUSA, Denise Silva de. Histórico De Violência Entre Mulheres Que Fazem Uso De Crack No Estado De Pernambuco, Brasil. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 42, n. 119, p. 862-875, out./dez. 2018. DOI: 10.1590/0103-1104201811906.